

Ainda falta uma data para o novo acordo com o FMI

Delfim e Pastore negociam a definição dessa data, que significará a entrada de mais dólares no País. A. M. Pimenta Neves, correspondente em Washington.

A interminável novela das negociações do Brasil com o FMI e os bancos internacionais continuou ontem com o ministro Delfim Neto afirmando que está tudo bem, com o embaixador Sérgio Corrêa da Costa dizendo que as conversas são difíceis, mas vão bem, com o professor Alexandre Kafka contando que a reunião da diretoria executiva do FMI será mesmo no dia 18 (depois de Delfim ter dito que poderá ser de 18 a 23), com o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, revelando, à saída do Tesouro, que estavam indo para a sede do Fundo para ver "como ficava esse negócio da data".

Delfim e Pastore conversaram com os administradores e técnicos do Fundo Monetário Internacional sábado, domingo e ontem. Ontem de manhã, segundo Gustavo Silveira, porta-voz do ministro, Delfim Neto esteve no FMI, mas saiu mais cedo do que Pastore, "para visitar algumas livrarias e passar pelo hotel", antes de comparecer ao Tesouro, às 14 horas, para uma reunião com o secretário do Tesouro Donald Regan e seus assessores. Em seguida, voltaram ao FMI, em carros separados. Pastore saiu do FMI por volta do meio-dia, com o embaixador Sérgio Corrêa da Costa, o professor Alexandre Kafka (diretor-executivo do Brasil no Fundo), José Augusto Arantes Savazzini, Alberto Furuguem, Luís Paulo Rosenberg e Ibrahim Eris, os quatro últimos dos quadros econômicos de Brasília. Foram almoçar juntos. Alguém disse, depois, que Delfim Neto esteve, naqueles momentos, no Banco Interamericano de Desenvolvimento e na Reserva Federal, mas o próprio ministro disse à imprensa que esteve passeando.

A data: 18 ou 21.

A mesma fonte que contou que Delfim havia estado no FED e no BID, disse também que a reunião da diretoria-executiva do FMI — que deverá examinar o acordo modificado com o Brasil e autorizar a liberação de seus em-



Delfim e Pastore em Washington, à espera da resposta dos bancos credores e do FMI.

préstimos retidos — poderá ser no dia 18 ou no dia 21, para dar tempo adicional ao comitê dos bancos privados de recolher mais adesões ao novo jumbo de 6,5 bilhões de dólares. Segundo afirmam alguns bancos, o jumbo já se aproxima dos 5 bilhões de dólares. Não se vai conseguir tudo antes da reunião da diretoria-executiva, mas o suficiente para Jacques de Larosière, diretor-gerente do FMI, marcar a data de sua reunião.

As conversas no FMI giraram, segundo uma fonte, principalmente em torno do impacto do Decreto-Lei nº 2065 aprovado pelo Congresso brasileiro, e da taxa de inflação deste ano, que suplantou as metas do acordo modificado com o FMI. Eles estão vendo como a inflação afeta as diversas variáveis do programa econômico. No que diz respeito ao 2065, "é uma legislação muito complexa e poucos perceberam o seu verdadeiro significado", disse a mesma fonte, acrescentando que "se trata de uma reforma fiscal brutal". No conjunto, disse, parece satisfazer o FMI.

Numa rápida conversa com jornalistas, ontem, Delfim Neto afirmou que ao Fundo não cabe perdoar nada e sim entender as coisas. Referindo-se aos dados do terceiro trimestre, o ministro do Planejamento disse que as metas para o déficit operacional do setor público e para a oferta monetária foram mantidas.

A previsão inflacionária não se confirmou, reconheceu o ministro, mas disse que o Fundo está entendendo porque isso ocorreu. Foi, antes de tudo, decorrência do grande aumento dos preços agrícolas. Nos últimos 12 meses, explicou, os preços dos produtos industriais cresceram 120% e os dos produtos agrícolas, 330%, devido às calamidades que reduziram a oferta de alimentos. Mas, no ano que vem, o Brasil terá extraordinária safra, disse Delfim Neto. Os altos preços estimularam os agricultores a ampliar em 5 a 6% a área plantada, afirmou.

O ministro do Planejamento acha que 1984 vai ser muito melhor do que 1983, em todos os sentidos. Mas as metas de 1984 só serão fixadas em dezembro deste ano, afirmou, embora suas conversas em Washington já tenham girado em torno do próximo capítulo.

Agradecimento

Ao sair do encontro com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Donald Regan, e com o sub-secretário, Robert McNamar, o ministro Delfim Neto, disse ter agradecido o empenho do Tesouro norte-americano para a rápida conclusão dos acordos do Brasil com o Fundo Monetário Internacional.

Delfim disse que é importante entender que o objetivo das negociações, "pacientes e trabalhosas" é a retomada dos instrumentos essenciais à realização de uma política econômica na direção de um novo crescimento no futuro.

"Com a regularização dos pagamentos externos, podemos ampliar a capacidade de importação do setor privado, ampliando a produção destinada ao mercado interno e às exportações, com repercussões favoráveis tanto no combate à inflação como na diminuição do desemprego, que hoje são os dois desafios principais que têm de ser vencidos pelo povo brasileiro", afirmou o ministro.